

FANDANGO

FANDANGO. Em alguns Estados do Brasil o *fandango* é o bailado dos marujos ou *marujada*, ou *chegança* ou *barca*. No Sul, *fandango* é dança, baile, festa de danças regionais. Foram registradas cem modalidades de *fandango* no Sul, entre as quais *tontinha*, *velho-vai-moça-fica*, *pega-fogo*, *marrafa*, *João Fernandes*, *pipoca*, etc.

No decorrer das viagens dos tropeiros, durante as longas noites a beira de um fogo, eles procuravam se descontraír esquecendo a dura lida de viagem e dos sofrimentos que passam. Nessa descontração ao som de violas ou meia-violas surgiram certas cantigas e danças que eram praticadas somente por homens, (pois não existiam mulheres nas viagens) eles então mostravam toda a habilidade e criatividade em um prazeroso divertimento.

Dentre essas danças, foram encontradas e pesquisadas (Por João Carlos Paixão Côrtes) apenas quatro as quais hoje são reconstituídas e praticadas por grandes grupos de dança do Brasil em vários festivais de dança pelo país.

Fandango Sapateado - Herança do colonizador lusitano. Dança onde cada cavalheiro, depois de bailar em círculo e em conjunto, procura exibir sua capacidade de teatralidade, com exuberantes "figuras-solo" sapateadas., ao som do rosetear de nazarenas, das quais muitas delas lembravam e imitavam lides e motivos de campo e de sua origem. Motivo oriundo do século XVIII quando do nascimento do "gaúcho-do-campo", em sua atividade birivista tropeira. Este tema – que é nosso mais antigo tema coreográfico – deu origem à formação do "ciclo do fandanguismo" primitivo riograndense, onde aparece posteriormente a dama, formando par.

Considero o fandango a mais legítima manifestação popular de minha terra. Se, em outras regiões do Brasil ele se manifesta sob a forma de autos e dramatizações (Chegança, Chegança de Marujos, Chegança de Mouros, Marujada, etc., no Norte e Nordeste), no Paraná ele passou a constituir não uma determinada dança mas um conjunto de danças regionais (marcas) que só sobrevivem integradas dentro do fandango. É uma festa típica dos caboclos e pescadores, habitantes da faixa litorânea do Estado.

Para documentar com precisão um Fandango Paranaense, teríamos que apresentar no mínimo umas vinte marcas que poderiam dar uma idéia de sua riqueza e diversidade. O fandango começa sempre com a "Chamarrita de Louvação", na qual os violeiros agradecem aos patrocinadores da festa, homenageiam aos convidados especiais, fazem alusões à assistência e comentam fatos regionais do passado ou da ocasião.

Dança-se como qualquer outra dança, isto é, os pares enlaçados obedecem ao ritmo da música e a uma única norma: rodar em volta do salão no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio. Geralmente, a primeira marca batida (sapateada com tamanco) é o Anu, pássaro preto e agourento, para assim esconjurar o azar e fazer com que tudo corra bem na festa.

Poderíamos dividir as marcas em pelo menos cinco grupos:

A - As **Batidas Simples** com o desenho coreográfico em forma de 8, também simples. Ex. : o **Anu**.

Encaixam-se neste grupo: **Serrana, Serraninha, Serrana Grande, Xará Xarazinho, Xará Grande, Lageana, Sabia, Estrala**, etc.

B - No segundo grupo, incluiremos as **Batidas e Valsadas com Sapateado Simples, Palmeado e Duplo 8**, como são a **Porca, Tatu, Caranguejo, Borboleta, Marinheiro**, etc.

C - No terceiro grupo, as **Batidas, Repicadas ou Rufadas** (de difícil execução e com desenho coreográfico de 8 coletivo, isto é, na primeira, os folgadores descrevem entre as folgadeiras o desenho de um 8, com a da frente e com a de trás, e, no coletivo, eles o fazem com todas as folgadeiras da roda). É o caso da : **Andorinha, Queromana, Chico, Caranguejão, Caranguejinho, Tonta, Tontinha, Chimarrita** (ou **Chamarritas**) de "L", e muitas outras.

D - No quarto grupo, os **Bailadinhos, Don-Dons** (Revolução do Rio Grande do Sul), **Sapo, Polquinhas**, cujos pares se enlaçam como em qualquer salão de baile seguindo apenas o ritmo. Alguns são tão ritmados que são chamados "limpa bancos", isto é, ninguém resiste. Quando há falta de homem, dança mulher com mulher, e, faltando mulher - com o maior respeito - dança homem com homem.

E - O quinto e último grupo seriam as **Rodas Passadas**, que dispensam o tamanqueado mas são buliçosas, alegres e de um efeito coreográfico tão bonito que mereciam ser dançadas em nossos salões. É o caso da **Cana Verde, Vilão de Lenço, Tiraninha, Estrela, Balão do Ar**.

Os instrumentos que acompanham o fandango são: duas **violas**, um **adufe** (ou **adufe**) e uma **rabeca** (ou **reboca**). Geralmente, fabricados a canivete, utilizam a "caxeta", madeira abundante no litoral e que "não pega bicho", muito leve e fácil de trabalhar.

As violas possuem cinco cordas duplas e mais meia corda a que chamam de "turina", encordoadas de arame verde-gás, que, conforme a cor (branca ou amarela) e número, emitem diversos sons. Os violeiros desconhecem métodos de afinação, apenas "temperam" a viola. Não têm noção de tempo, compasso e divisão. Sentem e valorizam apenas o ritmo.

As **rabecas** são esculpidas em madeira maciça (apenas a tampa é colada) e encordoadas com arame verde-gás, às vezes usando a primeira e a segunda cordas de viola e a terceira e quarta de violão. O sedenho do arco é feito de crina de rabo-de-cavalo, fio de linha ou imbirá (cipó).

O **adufe** é feito de caxeta, as baterias são tampinhas de garrafas amassadas.

O conjunto é quase só rítmico: as violas fazem "rasqueado" e dificilmente o "ponteio" e as rabecas fazem curtos solos, improvisando quase sempre.

O salão do fandango é próprio para dança: uma casa de madeira, com tábuas de assoalho largas e flexíveis, de duas polegadas para resistir à violência do sapateio, pois o melhor "folgador" é aquele que bate com mais força o tamanco e que, quando consegue rachar as tábuas do assoalho, recebe logo o apelido de "machado". O assoalho é separado das paredes, não há forro e, para que as "batidas" ressoem a quilômetros de distância, costuma-se fazer embaixo do assoalho um buraco de uns três metros de diâmetro por dois de profundidade.

O fandango, que chegou ao nosso litoral com os primeiros casais de colonos açorianos por volta de 1750, passou a ser "batido" principalmente durante o "entrudo", precursor do carnaval. Durante esses quatro dias a população do litoral paranaense não fazia outra coisa senão "bater" fandango e comer "**barreado**" (prato típico à base de carne e toucinho). Meses antes, fazia-se a "cinta", isto é, angariavam-se fundos para a grande festa.

